

## DEVANEIOS HISTÓRICOS DE UM PASSADO DISTANTE – PARTE 2.

*“A verdade é como o Sol. Podes esconder durante algum tempo, mas não desaparece”.*

*Elvis Presley*

Esta narrativa tem início no interior de um Búfalo da FAB, saindo da Base Aérea de Brasília/DF, no início de dezembro de 1984.

Ali se transportavam equipamentos militares, maquinários diversos, caixas de mantimentos e também pessoas. Estabilidade adequada pelo porte da aeronave. Os assentos, de couro e trançados. Os cintos de segurança, de cordas. Turbulência constante.

Pressurização? Haja tímpano!

Neste momento, o anjo da guarda fica permanentemente de sobreaviso, tamanha invocação.

Após duas horas aproximadamente, uma parada técnica para abastecimento em Porto Nacional, na região do Araguaia, já no estado de Goiás (hoje Tocantins), com uma ótima oportunidade para secar o suor e respirar. Um alívio!

Por maior que seja sua experiência, maturidade, coragem ou demais predicados pessoais, a sensação naquele meio de transporte é inesquecível, pois lá se vão 28 anos e as recordações não desapareceram de minha mente.

O destino era a cidade de Conceição do Araguaia e a missão chefiar a nova equipe da Operação Ouro, desencadeada no Sul do Pará, e acompanhavam-me os Agentes Federais Nivaldo e Dias, que trabalhavam na segurança física do Edifício-Sede do DPF. Nos idos de 1984, a então Divisão de Polícia Fazendária, órgão central e subordinada a Coordenação Central Policial (hoje com outra denominação), através do Serviço de Repressão ao Contrabando e Descaminho – que vim a chefiar em 1990/91 -, era comandada pelo Delegado de Polícia Federal Edson Rezende, eficiente não apenas no cargo que ocupava, mas, também, como árbitro de futebol, carreira ainda incipiente, na ocasião.

Edson Rezende fora um de meus alunos no Curso de Formação de Delegado, cujo ano não mais recordo, talvez 1982, e posteriormente ocupou, com muito mérito, as funções de Diretor do Instituto Nacional de Identificação.

Homem sereno, culto e acima de tudo, de educação exemplar, dentro e fora de nosso ambiente de trabalho. Salvo engano, sua origem funcional era papiloscopista policial.

Desta forma, após um ano de muito desgaste emocional, decorrente de problemas de saúde em minha família, meu dileto amigo e chefe, Delegado de Polícia Federal Raymundo Cardoso Da Costa Mariz, coordenador Central Policial, do Departamento – policial de competência e correção ímpares, *mano* de todas as horas, a quem sou eternamente grato -, liberou-me para uma viagem operacional no final daquele ano, período de maior dificuldade para voluntários ausentarem-se de seus familiares, dos festejos momescos e réveillon, pois “o mato faria bem para mim”.

E assim foi mais um trabalho, mais uma aventura, mais experiência e indubitavelmente outro mote para crônicas ou Devaneios Históricos, como prefiro intitular.

Mas a realidade era inicialmente preocupante, pois o território de trabalho era imenso e comportava inúmeros garimpos, com “leis” severas e irregularidades constantes, sujeitas a ações imediatas e firmes das equipes policiais federais. Sem falar no clima

equatorial úmido, refletindo, na pele, o já propalado efeito estufa, decorrente das altas taxas de desmatamentos (taxa média anual de desmatamento, no final da década de 1980, foi de 21.130 km<sup>2</sup>, segundo dados fornecidos pelo INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, quando da realização da Conferência Rio-92).

Recordo-me que ainda no pequeno aeroporto de Conceição do Araguaia, o Delegado que fora substituído Dr. Paulo Duarte, lotado na SR/DPF/Ceará, retransmitiu as orientações de praxe e novo deslocamento aéreo foi realizado para São Félix do Xingu e de lá para o garimpo-sede da operação.

Os agentes federais eram escalados para diferentes pontos de fiscalização em garimpos e locais estratégicos nas estradas, no interior da selva, com o objetivo de impedir a saída ilegal de ouro, bem como supervisionar a compra do referido minério por funcionários da Caixa Econômica Federal e, na seqüência, transportá-lo até as cidades de Marabá, Redenção ou Belém, onde permaneceria custodiado em poder do governo federal, ou seja, do Banco Central.

Na realidade, era a DOCEGEO – Rio Doce Geologia e Mineração, utilizando-se de verbas do Banco Central, repassadas pela Caixa Econômica Federal, que adquiria o ouro extraído da região garimpeira.

A extração mineral naquela época e naqueles garimpos, era composta por pequenas equipes, em torno de até oito homens, cada “grotá”, com atividades manuais ou rústicas, por meio de bateia, picareta e pá, eventualmente jato d’água, sendo vedado o uso de mercúrio.

Os locais explorados eram denominados de “baixões”, onde ocorriam danos ambientais, com o conseqüente desmonte de margens e encostas dos rios.

Infelizmente não eram apenas tais atribuições especificamente.

Em diferentes garimpos, como Maria Bonita, Cidade Nova ou Bola, Cumaru, Macedônia, etc., com aproximadamente 1500 garimpeiros, o trabalho mais envolvente era proibir a entrada de bebidas alcoólicas, substâncias entorpecentes, prostitutas e reforçar a exigência para o cadastramento dos garimpeiros, através da obtenção do CMG – Certificado de Matrícula de Garimpo, junto aos servidores do DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral, presentes, também, nas sedes dos principais garimpos.

Por extensão, havia equipes ainda nas cidades como Conceição do Araguaia e Tucumã, para onde o chefe deveria deslocar com freqüência, em pequenas aeronaves, para supervisionar os trabalhos e dar o necessário apoio.

A base da equipe era no interior de uma fazenda, onde se localizava o garimpo de Cumaru, região da Reserva Gorotiré, habitada pelos índios Caiapós.

Ali eram instalados escritórios da CEF, do DNPM, do DPF, SUCAM, e da extinta COBAL, todos com seus respectivos alojamentos (sem ventilação, exceto do DNPM), refeitórios, cuja alimentação era fornecida pela Companhia Brasileira de Alimentação, que, também vendia aos garimpeiros produtos a preços compatíveis.

A alvorada tinha início às 7 horas, com o hasteamento do Pavilhão e execução do Hino Nacional, tendo, sempre, um garimpeiro como partícipe da cerimônia.

Logo após, um breve discurso cívico e de estímulo ao trabalho, bem como a oportunidade de apresentar, quando houvesse, algum garimpeiro flagrado por furto de ouro, ocasião em que era retirado da respectiva lavra.

Inobstante o calor insuportável, não havia tregua ou folga do trabalho, pois as escalas eram corridas, sempre de vinte e quatro horas em plena atividade fiscalizadora e apoiando, também, as equipes médicas, da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública, em socorrer os acometidos pela malária, cuja incidência era alarmante. Recordo-me, perfeitamente de ter acesso a um relatório médico, mantido com reservas,

em que anunciava a existência de 44% de casos positivos, nos exames daquele mês, somente no Garimpo de Maria Bonita, embora a aplicação de *quinina* fosse freqüente. A região montanhosa e úmida favorecia as constantes chuvas vespertinas, aumentando o calor, as poças d'água decorrentes das crateras provocadas pela exploração e, por consequência, a incidência de malária e a impossibilidade de utilizar aeronaves, oportunidade em que permanecíamos por vários dias em racionamento de água potável e gêneros alimentícios, além de danificar o sistema de comunicação, em forma de rádio SSB.

Nestas ocasiões, os deslocamentos entre garimpos e pontos de fiscalizações eram realizados com um veículo Jeep, apropriado para as estradas esburacadas, numa verdadeira odisseia inesquecível, sempre em pequenas distâncias dentro da selva.

A propósito da malária, cabe aqui um parêntese necessário: Aquela região é o *habitat* dos protozoários *plasmodium falciparum* e *plasmodium vivax*, tendo como vetor o mosquito fêmea, que transmite a doença no momento da picada, quando injeta sua saliva. Seu efeito é febre alta (até 41°), sudorese e calafrios, náuseas, palidez, cansaço, falta de apetite e fortes dores de cabeça, levando o paciente a delirar, em forma de tremores.

A *P.falciparum* é a mais grave, podendo causar, também, entupimento de vasos sanguíneos, convulsões e inchaços no fígado e baço.

Ainda não há vacina eficaz contra a malária, havendo apenas estudos e testes de uma vacina sintética desenvolvida em 1987, por Manuel Elkin Patarroyo. A doença mata cerca de um milhão de pessoas em cada ano, principalmente crianças com menos de 5 anos de idade. No Brasil, 97% dos óbitos ocorrem na região amazônica.

Inolvidável, também, foram as agruras quando da lavratura de um auto de prisão em flagrante, por tráfico de entorpecente (maconha), formalizada no Garimpo de Cumarú, diante da necessidade de efetuar a comunicação ao magistrado competente, no prazo legal, haja vista não estar funcionando o sistema de rádio, mantido com a equipe de Conceição do Araguaia; inexistência de telefone e de aeronave, diante do clima chuvoso reinante. E para conduzir o preso? Localizar o juiz? Realizar o competente exame de corpo de delito? Perícia no material apreendido? Somente a experiência é capaz de responder. Deveras astuciosa foi a estratégia utilizada pela equipe para lograr apreender aquela quantidade de maconha, transportada por aeronave (no garimpo de Maria Bonita), frente ao quadro de trabalho existente e já narrado. No período enfocado, a produção de ouro naquela região era extremamente alta, não apenas pela localização do valioso minério, mas, ainda, pelo fechamento temporário do garimpo de Serra Pelada e, sobretudo diante da legalização oficial do garimpo de Cumarú, através da Portaria nº 25, de 10.01.84 (DOU, de 18.01.84), do Ministério das Minas e Energias.

A bem da verdade, o Garimpo de Cumarú localizava-se no município de São Félix do Xingu/PA e em razão da grande incidência de garimpeiros, pilotos, comerciantes, aventureiros, etc., criou-se a atual cidade denominada Cumarú do Norte, em 1991, embrião do Projeto que levava seu nome, que funcionava sob a responsabilidade do extinto Conselho de Segurança Nacional, inicialmente supervisionado pelo também extinto Serviço Nacional de Informações – SNI, que tinha como objetivo básico controlar e dar assistência aos garimpeiros, evitar conflitos entre eles e os índios Caiapó, cuja coordenação dos trabalhos passou ao DNPM, entre 1983/84.

Interessante e digno de registro foi nosso encontro com o ex-líder Caiapó Tutu Pombo, falecido em 1994, decorrente de notícias procedentes de São Félix do Xingu, anunciando que era freqüente aquele silvícola (já integrado) “desfilar” pelas ruas da cidade com um revólver na cintura e exposto, para intimidar as pessoas e os comerciantes em geral.

Por ocasião de um deslocamento aéreo àquela localidade, em companhia de um Agente de Polícia Federal, Felipe, lotado, à época, na Divisão de Polícia Federal em Ilhéus ou Pantoja, da Superintendência Regional no Amazonas, com uma certa resistência, mas boa dose de persuasão, contornamos a situação, o que foi bastante alardeado naquela comunidade.

Posteriormente o “capitão Tutu Pombo” foi substituído por Raoni, na liderança dos Caiapós.

Na noite de 25 de dezembro daquele ano, fizemos uma incursão nos acampamentos e nos “grotões”, onde localizamos farta quantidade de bebidas e garimpeiros ilegais, levando-nos a retirá-los de imediato, dentro do respeito necessário à pessoa humana. De concreto, foi relatado pelo engenheiro do DNPM, responsável pela Coordenação daqueles garimpos, que no período enfocado houve um aumento de 200% de expedição do Certificado de Matrícula de Garimpo.

Ao querer acreditar, concluo que nosso trabalho foi exitoso, não apenas nesse item, mas, nas freqüentes remessas de ouro para seu destino final, sempre de forma pacífica, sem nenhum acidente ou incidente de qualquer natureza, inclusive na relação interpessoal com os demais componentes envolvidos na missão.

Isto posto, o “período no mato”, realmente foi terapêutico, pois o silêncio em contraste com os ruídos noturnos da selva, o cheiro da mata, a visão das estrelas celestes dependuradas por barbantes imagináveis no firmamento- contempladas nas noites escuras -, as atividades não rotineiras, o começo do grande espetáculo da natureza que é o amanhecer, tudo oxigenaram meu ânimo, levando-me a crer ter sido útil, juntamente com os policiais federais que labutaram naquele mês, em minha companhia, levando-me a citar, por derradeiro, as palavras proferidas por Ayrton Senna: “no que diz respeito ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio termo. Ou você faz uma coisa bem feita ou não faz”.

Por fim, vamos novamente sobrevoar a selva amazônica, num “teco-teco“, de Cumaru a São Félix do Xingu e após a Conceição do Araguaia, para embarcar novamente no Búfalo da FAB e retornar ao Distrito Federal, tendo uma corda como cinto de segurança e convocando o anjo da guarda. Tudo passa menos as recordações!

São Paulo, janeiro de 2013.

**Aparecido Lopes Feltrim**

Delegado de Polícia Federal, Aposentado.

## **BIBLIOGRAFIA**

- VALE, AG.; JORGE JOÃO, X.S.; LEAL, J.W.L.; NEVES, A.P -1982 –Ouro dos Gradaús- Geologia e Garimpagem In: Anais do I Congresso de Geologia da Amazônia, Belém- Sociedade Brasileira de Geologia.

- JOÃO CARLOS MEIRELLES FILHO – O Livro de Ouro da Amazônia. 2004.

- CLÁUDIA ANTONIA USSUI, ARARIPE PACHECO DUTRA-2001. Doenças e Vetores – Malária.

- postal-saúde-gov.br